

Literatura e História em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago

Felipe dos Santos Matias

Graduando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa e bolsista do PIBIC/CNPq.

Gerson Luiz Roani

Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS.

Resumo A presente pesquisa investiga os elos de aproximação e afastamento entre a Literatura e a História na obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, mediante a leitura e compreensão de estudos críticos acerca da interlocução entre a narrativa literária e a narrativa histórica, e a análise teórico-crítica do romance escolhido como *corpus*, principalmente no que concerne à inserção do jornal português *O Século* na malha narrativa. Essa pesquisa tem como objetivo principal contribuir para estudos teórico-críticos sobre o romance português contemporâneo. Por meio da inserção do jornal *O Século* na narrativa, Saramago faz com que a manipulação literária resgate e problematize a matéria histórica, por meio do universo ficcional, redimensionando, assim, os diferentes dados e elementos históricos na sua criação ficcional.

Introdução

Os romances produzidos por José Saramago testemunham um sintoma recorrente no âmbito da prosa lusa: o fascínio dos autores contemporâneos pela interlocução entre a história e a arte romanesca. Nessa perspectiva, a matéria basilar das criações do autor consiste na história de Portugal, das suas raízes medievais à atualidade, marcada pelo novo panorama sócio-cultural português, surgido após a Revolução dos Cravos de 1974. Com engenhosidade e criatividade incomuns, a história se torna um elemento estruturante das narrativas do criador de *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), e a manipulação literária redimensiona os diferentes dados e elementos históricos em um conjunto ficcional, diferente do universo de onde foram tirados.

A presença das notícias jornalísticas em *O ano da morte de Ricardo Reis* cria uma conformação histórica aceitável, no que concerne à representação da época reinventada pelo romance. O exame dessa obra revela como elemento perceptível na estruturação textual uma atenta e minuciosa utilização de textos jornalísticos de 1936, os quais foram extraídos, principalmente, do jornal lisboeta *O Século*, o de maior circulação em Portugal, naquele tempo.

Em *O ano da morte de Ricardo Reis* a narrativa saramaguiana recupera, de forma dinâmica, textos de jornais de 1936, época histórica focalizada pela ficção literária. As notí-

cias de jornal possibilitaram ao romancista refigurar a história luso-européia da década de trinta, revelando a ascensão dos regimes ditatoriais de índole fascista, a Guerra Civil Espanhola e a manipulação da imprensa pelos regimes totalitários. Não se restringindo às informações veiculadas pelas diferentes notícias, o ficcionista joga também com o aspecto gráfico dos jornais, servindo-se de títulos, de fotografias e de suas legendas para ironizar, criticar e questionar os caminhos trilhados pela história do início do século XX.

Interlocução entre a Literatura e a História

No seu trabalho de refiguração do passado, o historiador utiliza a imaginação para preencher as diversas lacunas que lhe aparecem ao analisar os vestígios do passado. Os documentos que sobrevivem do passado não são o conjunto daquilo que existiu de fato, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à investigação da experiência humana com o tempo – historiadores. A respeito da intervenção do historiador na reinvenção do passado e da importância de se analisar o documento histórico, Jacques Le Goff registra:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

A partir da colocação de Le Goff, observa-se que não existe um documento objetivo, inócuo, primário. Percebe-se, então, que o dever principal do historiador é realizar a crítica do documento, pois cada documento é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder. Só a análise do documento permite ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. Por meio da interpretação é que as informações sobre as vivências passadas, obtidas por intermédio da crítica às fontes, adquirem uma forma especificamente histórica e são integradas na estrutura lingüística de uma narração, dentro da qual podem exercer seu papel na orientação cultural. Como a interpretação apresenta as relações especificamente históricas entre os fatos em uma forma narrativa, ela, como processo cognitivo, está muito próxima do processo de “ficcionalidade”. O processo criador de sentido da interpretação histórica aparece como um ato essencialmente poético, aproximando-se na sua essência da Literatura.

De acordo com Georges Duby, “a história foi sempre fabricada para reforçar um poder, para uma reivindicação” (DUBY, 1989, p. 73). A partir dessa afirmação, podemos dizer que nenhum discurso histórico é neutro, pois há sempre uma manipulação da memória em função de interesses subjacentes à elaboração da escritura/narração. E este é um dos argumentos que foram utilizados contra o historicismo positivista, em função de não ser possível aceitar a memória como prova cabal do que aconteceu no passado. Para Le Goff “a cultura quer um passado que possa usar” (LE GOFF, 2003, p. 186).

O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, criadora de ficção, assim como José Saramago realiza no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*. Nesse romance, Saramago utiliza a história como matéria essencial para a confecção do discurso literário, visto que a narrativa saramaguiana recupera textos de jornais de 1936. A partir do jornal *O Século*, o romancista português realiza uma interlocução entre a Literatura e a História, pois ele refigura de maneira problematizadora e irônica a história luso-européia da década de trinta.

Segundo Aristóteles, “não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com metro do que sem ele; a diferença está em que um narra os acontecimentos e o outro fatos que podiam acontecer” (ARISTÓTELES, 1995, p. 28). A partir dessa afirmação, observa-se que a diferença entre o poeta e o historiador não está no meio que empregam para escrever (verso ou prosa), mas no conteúdo daquilo que dizem: enquanto o poeta representa o verossímil e o necessário, o historiador narra os acontecimentos que realmente sucederam.

De acordo com Hayden White, “a distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ao imaginável” (WHITE, 1994, p. 115). No romance de Saramago, o real (histórico) é equiparado ao imaginável, resultando numa ficcionalização da história pela arte literária. A partir da utilização do jornal *O Século* na estruturação do texto literário, Saramago reinventa a história. E não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado, pois a maneira de lhe dar um sentido é a mesma.

Embora os historiadores e os romancistas possam se interessar por tipos diferentes de eventos, tanto as formas dos seus respectivos discursos como os seus objetivos na escrita são sempre os mesmos. Os leitores de histórias e de romances dificilmente deixam de se surpreender com as semelhanças entre eles. E a respeito da interlocução entre as narrativas históricas e os romances, White afirma que “vistos apenas como artefatos verbais, as histórias e os romances são indistinguíveis uns dos outros. A história não é menos uma forma de ficção do que o romance é uma forma de representação histórica” (1994, p. 138).

Ao ler a colocação acima, percebe-se que o discurso histórico, assim como o texto literário, é pluralista, visto que ambos se constituem não de verdades, mas, sim, de possibilidades. Saramago, no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, aproveita-se dessa interlocação para resgatar e questionar a matéria histórica por meio do universo ficcional.

O jornal O Século e a reconstituição saramaguiana do ano de 1936

Por meio da inserção do jornal *O Século* na narrativa, José Saramago promove um diálogo entre a Literatura e a História, pois busca recompor dentro do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* o ano de 1936, um ano conturbado pela ascensão na Europa dos regimes totalitários, como o salazarismo, o nazismo, o fascismo, além da Guerra Civil Espanhola, que culminou na morte de milhares de espanhóis, e na ditadura do general Franco. Saramago utilizou-se de notícias jornalísticas veiculadas pela imprensa portuguesa com o intuito de evidenciar o discurso ditatorial salazarista, o qual manipulou milhares de pessoas em Portugal. O escritor português desconstrói em *O ano da morte de Ricardo Reis* o discurso pró-Salazar dos jornais portugueses, a partir de comentários e relativizações que o seu narrador faz acerca das notícias que o personagem Ricardo Reis lê do jornal *O Século*. Por meio da exploração das notícias do jornal *O Século*, Saramago conseguiu nos dar um panorama sobre os regimes fascistas, mostrando-nos o que foi aquele mundo do silêncio e do receio, da esperança surda e do gesto cúmplice, da rebelião e da impotência. Mediante a presença das notícias jornalísticas, Saramago consegue reinventar em seu romance o ano de 1936, conforme ilustra o trecho a seguir:

Ricardo Reis recebe no Alto de Santa Catarina as notícias do vasto mundo, acumula conhecimento e ciência, que Mussolini declarou, Não pode tardar o aniquilamento total das forças militares etíopes, que foram enviadas armas soviéticas para os refugiados portugueses em Espanha, além doutros fundos e material destinados a implantar a União das Repúblicas Ibéricas Soviéticas Independentes (SARAMAGO, 1988, p. 264).

A partir da leitura do trecho acima, percebe-se que o personagem Ricardo Reis toma ciência dos acontecimentos do mundo por meio da leitura do jornal lisboeta *O Século*. Com isso, observa-se que Saramago realiza em sua ficção um resgate da matéria e do discurso histórico, redimensionando os fatos e acontecimentos por meio dos comentários e intervenções irônicas de seu narrador, o qual condena a passividade e a alienação de Ricardo Reis, além de relativizar aquilo que o discurso jornalístico veicula. A presença do jornal *O Século* é fundamental para a criação do universo ficcional saramaguiano, visto que produz na narrativa uma recomposição histórica aceitável com relação à época focalizada no romance.

De acordo com Maria Carrillo, “os jornais e os outros meios de comunicação não se limitam a relatar e noticiar os acontecimentos” (CARRILLO, 1989, p. 217). A partir disso, pode-se dizer que os jornais “fabricam” as suas notas, o seu discurso sobre as coisas e pes-

soas, produzindo para o tempo e para a história conhecimento sobre fatos, que não só reproduzem a atualidade de um determinado grupo, mas ajudam a construí-la. E por meio dessa análise, pode-se observar dentro do romance de Saramago que o jornal *O Século*, talvez por estar inserido em um regime fascista e antidemocrático, adotou uma postura pró-Salazar, apoiando, além do ditador português, todos os regimes totalitários em voga na Europa na década de 30. O jornal *O Século* ajudou a reproduzir e a consolidar o salazarismo em Portugal, pois noticiou somente aquilo que interessava ao regime, adotando uma postura extremamente unilateral com relação aos acontecimentos da época, elogiando ditadores como Hitler, Mussolini e o general Franco, e condenando o governo socialista da Espanha. O jornal lisboeta chamava os socialistas de a “horda vermelha”, conforme se depreende ao ler o fragmento abaixo:

O Exército espanhol contra a horda vermelha

Vão partir de Sevilha sobre Madrid mais colunas de tropas revolucionárias, comandadas, superiormente, pelo general Franco e pelo tenente-coronel Yagne, do “Tercio”, enquanto, em Algeciras, continuam a desembarcar milhares de soldados marroquinos¹.

O jornal *O Século*, durante todo o período da Guerra Civil Espanhola deixou explícito o seu apoio ao Exército nacionalista espanhol, comandado pelo general Franco, noticiando matérias com títulos como “O exército espanhol combate a anarquia”², “A Espanha contra os marxistas”³, “O Exército espanhol varrendo os comunistas”⁴. O jornal lisboeta publicou uma entrevista com o general Franco e noticiou com empenho e empolgação cada derrota dos comunistas espanhóis, enaltecendo os militares comandados pelo general Franco. Os fragmentos a seguir evidenciam isso:

O general Franco fala ao “Século”

[...] – Queremos a ordem dentro da nação! Aí tem a nossa divisa! Queremos o sentido da pátria, acima dos partidos. Queremos a supressão de toda a ingerência moscovita na vida espanhola.

- No que se refere ao movimento, posso garantir que ele se desenrola de conformidade com o plano que tracei. Nenhuma dificuldade especial se levantou na nossa frente. Só a atitude da esquadra constituiu, para mim, uma surpresa. No entanto, a marinhagem compreendeu o seu dever e já começa a cumpri-lo, aderindo, como sabe, em boa parte, ao movimento de salvação nacional da Espanha. Agora, a nossa vitória já não deve oferecer dúvidas a quem quer que seja⁵.

A agonia do comunismo espanhol

A esquadra ao serviço da causa nacionalista está pronta a entrar em ação contra as hordas dos comunistas. [...] Foi nomeado diretor geral do Arsenal do Ferrol o contra-

¹ O Exército espanhol contra a horda vermelha. *O Século*, Lisboa, 8 de agosto de 1936, p. 6.

² O exército espanhol combate a anarquia. *O Século*, Lisboa, 19 de agosto de 1936, p. 2.

³ A Espanha contra os marxistas. *O Século*, Lisboa, 10 de setembro de 1936, p. 5.

⁴ O Exército espanhol varrendo os comunistas. *O Século*, Lisboa, 28 de julho de 1936, p. 2.

⁵ O general Franco fala ao “Século”. *O Século*, Lisboa, 25 de julho de 1936, p. 1.

almirante Luiz de Castro Arizcun, que se encontrava na situação de reserva. Esta nomeação foi muito bem acolhida, por se tratar de um marinheiro de relevantes dotes e de grande prestígio⁶.

José Saramago explorou em *O ano da morte de Ricardo Reis* esse discurso pró-Franco adotado pelo jornal *O Século*, ironizando com extrema argúcia o entusiasmo com que os jornais portugueses noticiaram a sangrenta Guerra Civil Espanhola, conforme se observa no trecho abaixo:

Que a situação em Espanha é grave, até uma criança o sabe. Basta que se diga que em menos de quarenta e oito horas caiu o governo de Casares Quiroga, foi Martinez Barrio encarregado de formar governo, demitiu-se Martinez Barrio, e agora temos um ministério formado por Giral, a ver quanto tempo vai durar. Os militares anunciam que o movimento está triunfante, se tudo continuar como até aqui, o domínio vermelho em Espanha tem as horas contadas. Aquela já mencionada criança, ainda que mal sabendo ler, o confirmaria, só de olhar o tamanho dos títulos e a variedade dos tipos, um entusiasmo gráfico que desdobra em parangonas, e há de transbordar, daqui uns dias, na letra miúda dos artigos de fundo (SARAMAGO, 1988, p. 372).

No fragmento acima, percebe-se a crítica do narrador saramaguiano com relação ao empenho dos jornais portugueses na Guerra Civil Espanhola, pois ele frisa o tamanho dos títulos e a variedade das notícias da guerra. Segundo ele, “até uma criança” sabia que a Espanha estava em guerra civil, devido ao estardalhaço que a imprensa portuguesa provocou. De fato, as notícias acerca da guerra “transbordaram” dos jornais portugueses, pois eram tantas que se espalharam por muitos pequenos artigos. O jornal *O Século* é um grande exemplo, pois deixou até de publicar notícias a respeito de Portugal para recheiar as suas páginas com o que estava acontecendo na Espanha.

Por meio da exploração das notícias jornalísticas, Saramago nos dá um panorama geral daquilo que foi uma guerra sangrenta, hedionda, que destruiu toda a Espanha. Com muito afincamento e sensibilidade, a escrita saramaguiana registra essa mácula de fins da década de 30, a partir da inserção do factual na malha narrativa. Para Gerson Luiz Roani, “Saramago nos transmite a visão ou transfiguração desse acontecimento que fez irromper na Espanha uma sanha sanguinária. A caligrafia romanesca exprime a impressão acerca desse momento de destruição, enfatizando o imaginário de destruição de uma Espanha e de um povo com a liberdade estilhaçada. A leitura do romance saramaguiano estimula a consciência de que é impossível não se impressionar pelas descrições da dor, do grito reprimido, da destruição cega e cruel, da explosão, da morte cega, dos pesadelos trazidos pela hedionda guerra civil” (ROANI, 2006, p. 268).

A voz do narrador saramaguiano possui um caráter polifônico, visto que, de acordo com a teoria polifônica da Bakhtin, constitui-se como articuladora e harmonizadora de vozes plurais que, num entrecruzamento incessante, promovem a inter-relação de várias ideo-

⁶ A agonia do comunismo espanhol. *O Século*, Lisboa, 16 de agosto de 1936, p. 6.

logias. O narrador de Saramago reúne na malha narrativa diversas vozes, as quais na maioria das vezes são dissonantes. Um exemplo é com relação às vozes de Ricardo Reis, um ser passivo que apenas contenta-se com o espetáculo do mundo e aceita o discurso da imprensa como a verdade absoluta, e a da camareira Lídia, uma personagem que relativiza o discurso jornalístico, pois acredita que tais discursos são parciais. O excerto a seguir evidencia o que foi dito:

Estás tu aí a chorar por Badajoz, e não sabes que os comunistas cortaram uma orelha a cento e dez proprietários e depois sujeitaram a violências as mulheres deles, quer dizer, abusaram das pobres senhoras, Como é que soube, Li no jornal, e também li, escrito por um senhor jornalista chamado Tomé Vieira, autor de livros, que os bolchevistas arrancaram os olhos a um padre já velho e depois regaram-no com gasolina e deitaram-lhe o fogo, Não acredito, Está no jornal, eu li, Não é do senhor doutor que eu duvido, o que meu irmão diz é que não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem, Eu não posso ir a Espanha ver o que se passa, tenho de acreditar que é verdade o que eles me dizem, um jornal não pode mentir, seria o maior pecado do mundo, O senhor doutor é uma pessoa instruída, eu sou quase uma analfabeta, mas uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras [...] o senhor doutor fala-me sempre com as palavras dos jornais (SARAMAGO, 1988, p. 387-388).

A partir da leitura do trecho acima, percebe-se que para o personagem Ricardo Reis o discurso jornalístico não mente, pois, segundo ele, só veicula a verdade. No entanto, a personagem Lídia o alerta para o fato de que “as verdades são muitas” e de que é preciso relativizar as notícias dos jornais. A voz de Lídia afirma que “o senhor doutor fala-me sempre com as palavras dos jornais”, trecho que evidencia a crítica saramaguiana com relação à alienação e ao conformismo dos vários “Ricardo Reis” espalhados pelo mundo. Segundo Gerson Roani, a voz da personagem Lídia

relativiza o grau de fidedignidade das fontes de informações do Doutor Reis. No universo narrativo, Lídia é uma personagem “ex-cêntrica”, marginalizada e periférica em relação à história. De um lado, ela representa aquelas figuras marginalizadas pela historiografia oficial. Por essa razão, enfatiza a voz dos excluídos e dos silenciados, contribuindo para uma nova visão dos acontecimentos que a ficção resgata e reescreve (ROANI, 2006, p. 286-287).

Saramago nos mostra pela voz de Lídia que seres como Ricardo Reis se limitam a aceitar e a reproduzir o discurso daquilo que lêem, sem se darem conta da ideologia que está por trás de tais discursos. Assim, ele relativiza as notícias publicadas pelo jornal *O Século*, mostrando aos seus leitores que o discurso jornalístico não pode ser visto como uma verdade única e absoluta.

Por Saramago pertencer ao período atual de (auto)crítica do recente passado lusitano, ele realiza na ficção uma leitura crítica do passado português e europeu, utilizando a ironia como um recurso de combate e de desconstrução. De acordo com Fábio Lucas, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, “reproduz com discrição os arreganhos da maré autocrática que dominou a Europa na década de 30, mostrando que Portugal e Espanha se

deixaram banhar no mesmo imundo lodo ‘patriótico’, em nome da ordem e da disciplina”⁷. Segundo Teresa Cristina Cerdeira da Silva, José Saramago é um escritor consciente da necessidade de se (re)construir a identidade e o passado português. Para ela, o escritor se inscreve na linhagem dos escritores portugueses contemporâneos que aprenderam a revisitar de maneira crítica os domínios da História oficial, não somente para desvelar, ao nível dos conteúdos, a sua presunção de poder apreender e domesticar o real, de modo a fornecer a fórmula da “verdade” que anula toda possibilidade de releitura: mas, sobretudo, chegou à dúvida fecunda que o lança num terreno onde a sedução da linguagem se faz mais poderosa – o da consciência de uma ruína que é preciso saber reverter em benefício da construção de sua própria ultra-passagem⁸.

Em entrevista concedida ao jornalista Francisco Vale, do *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, logo após a publicação da obra *O ano da morte de Ricardo Reis* em 1984, o próprio José Saramago afirmou que Ricardo Reis, espectador do espetáculo do mundo, “é talvez o mais indicado observador para o ano de 1936”⁹, pois quase se identifica com o povo português dessa época, que apesar de alguns vãos sobressaltos, assiste à consolidação do Estado Novo. Para Saramago, o que o intrigava no heterônimo pessoano era, justamente, aquela indiferença em relação ao mundo. Ele afirmou em outra entrevista, dada ao jornalista Augusto Seabra do jornal *O Expresso*, que “quando ponho como umas das epígrafes deste romance ‘Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo’, isso é qualquer coisa que desde sempre me irritou”¹⁰. O escritor confirma que em seu romance “o ano de 1936 é dado de um ponto de vista crítico, muitas vezes por oposição dos fatos entre si”¹¹.

No romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, Saramago imagina os últimos meses da vida do heterônimo pessoano Ricardo Reis, recriando o clima de Portugal e da Europa de 1936, cuidadosamente entrelaçando as malhas de uma ficção de pés fincados na História. O livro se constrói à imagem da percepção do mundo do próprio Reis, o qual apenas assiste à consolidação dos regimes totalitários na Europa. Por meio da leitura dos jornais portugueses, principalmente do jornal *O Século*, o personagem Ricardo Reis se informa com relação aos fatos e acontecimentos que tumultuaram o ano de 1936:

Minuciosamente, lia os jornais para encontrar guias, fios, traços de um desenho, feições de rosto português, não para delinear um retrato do país, mas para revestir o seu próprio rosto e retrato de uma nova substância, poder levar as mãos à cara e reconhecer-se, pôr uma mão sobre a outra e apertá-las, Sou eu e estou aqui (SARAMAGO, 1988, p. 87-88).

⁷ LUCAS, Fábio. “Pós-crítica: Poliedro Português”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120, p. 171-172.

⁸ SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. “José Saramago – A ficção reinventa a história”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120, p. 178.

⁹ VALE, Francisco. José Saramago sobre “O ano da morte de Ricardo Reis”: “Neste livro nada é verdade e nada é mentira”. *JL – Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, n. 121, 30-10 a 5-11-1984, p. 2 e 3.

¹⁰ SEABRA, Augusto. O ano da morte de Ricardo Reis. *O Expresso*, Lisboa, 24 de novembro de 1984, p. 31.

¹¹ Idem, *ibidem*.

O narrador saramaguiano critica a conformação da realidade portuguesa e europeia fornecida pelo jornal *O Século*, visto que a descrição do quadro social português e europeu era adulterada pelas páginas do jornal lisboeta, o qual publicava as suas notícias de acordo com os anseios do regime político estabelecido no poder. Entretanto, é preciso ressaltar que o jornal *O Século*, assim com toda a imprensa portuguesa daquela época, estava condicionado por uma censura impiedosa, a qual cuidava dos interesses da ditadura salazarista.

Mesmo adulterando a realidade histórica, veiculando uma postura de apoio ao regime de Salazar e propagando a ideologia fascista, o jornal *O Século* é um importante e rico documento histórico. De acordo com Gerson Luiz Roani, os textos jornalísticos de 1936 “servem como instrumento de reescrita da história portuguesa e europeia para José Saramago, o qual é um escritor que tem a consciência de que a história sempre nos chega como um discurso marcado pelo signo da parcialidade” (ROANI, 2006, p. 290). Saramago compartilha das diretrizes e preceitos da Nova História, pois considera que a visão da historiografia não origina a única história possível. Ele tem a convicção de que a história é sempre narrada por um sujeito (historiador) que está inserido em uma determinada sociedade, compartilhando os seus valores e a sua ideologia. Além disso, o escritor português tem a plena noção de que o historiador escreve a história a partir de documentos, os quais propagam sempre os ideais de uma determinada classe, fazendo com que a visão acerca do passado seja sempre relativa.

Considerações finais

A obra *O ano da morte de Ricardo Reis* é exemplar para o estudo da interlocução entre a Literatura e a História, pois José Saramago inventa em seu romance um âmbito histórico para a ação e circulação efetiva de suas personagens, movimentando um primoroso conjunto de dados e elementos históricos, os quais foram extraídos dos jornais da época, principalmente do jornal lisboeta *O Século*.

Além disso, o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* instaura uma questão basililar perseguida pela narrativa portuguesa contemporânea: a busca de uma nova identidade ou de respostas para o perfil identitário de uma nação presa a sonhos grandiosos, que a Literatura e a História instituíram, ajudaram a cristalizar e disseminaram pelos séculos seguintes. Diante desse cenário cultural, a ficção de Saramago empreende uma leitura crítica e relativizadora do passado português, reinventando no romance o ano conturbado de 1936, por meio da inserção do discurso jornalístico da década de 30 na malha narrativa e dos comentários irônicos do narrador saramaguiano acerca desse discurso. Com isso, o escritor português desmascara a ideologia salazarista propagada pela imprensa portuguesa da época e proporciona aos seus leitores uma nova visão a respeito dos fatos históricos.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Roberto de Oliveira Brandão. 6 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CARRILO, Maria. *Portugal na Segunda Guerra Mundial. Contributos para uma reavaliação*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

JORNAL O SÉCULO, Lisboa, Grupo Jornalístico *O Século*. Publicação de janeiro a setembro de 1936.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LUCAS, Fábio. “Pós-crítica: Poliedro Português”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120.

ROANI, Gerson Luiz. *Saramago e a Escrita do Tempo de Ricardo Reis*. São Paulo: Scorteci, 2006.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEABRA, Augusto. “O ano da morte de Ricardo Reis”. *O Expresso*, Lisboa, 24 de novembro de 1984.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. “José Saramago – A ficção reinventa a história”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 120.

VALE, Francisco. José Saramago sobre “O ano da morte de Ricardo Reis”: “Neste livro nada é verdade e nada é mentira”. *JL-Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, n. 121.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.